

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	2
QUAL CONCEPÇÃO ENCONTRA APOIO BÍBLICO?	5
A BÍBLIA USA ALMA E ESPÍRITO COMO SINÔNIMOS	6
• Na criação (Gn 2.7), o homem foi formado com <i>dois</i> componentes, e não três.....	6
• A alma e o espírito se igualam tanto pelo que <i>são</i> quanto pelo que <i>fazem</i>	8
• Tanto a alma quanto o espírito têm <i>sentimentos</i> e <i>intelecto</i>	12
OS PRINCIPAIS TEXTOS DE APOIO À TRICOTOMIA: 1TS 5.23 E HB 4.12, 13.....	13
• O <i>contexto</i> das declarações de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12 não permite extrair lições sobre a natureza humana.....	13
• Análise do conteúdo de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12.....	17
• Um elemento <i>impessoal</i> não pode relacionar-se com Deus.....	23
• As <i>contradições</i> que surgem quando se tenta distinguir a alma do espírito.....	24
CONCLUSÃO	27
BIBLIOGRAFIA.....	29

DICOTOMIA OU TRICOTOMIA?

Compreendendo a natureza humana¹

por

Paulo Sérgio de Araújo

INTRODUÇÃO

Nos compêndios teológicos, os termos “dicotomia” e “tricotomia” normalmente aparecem na seção “Antropologia” (ou “Doutrina do Homem”). A Antropologia Bíblica lida, dentre outras coisas, com a seguinte questão: “De quais e quantos elementos o ser humano é constituído?”. Para responder a essa indagação antropológica, surgiram algumas linhas de pensamento dentro do Cristianismo, das quais mencionaremos aqui apenas as duas mais proeminentes: o Dicotomismo e o Tricotomismo.

Segundo os dicotomistas, o homem seria constituído de *duas* partes: corpo e alma (= espírito). Para eles, “alma” e “espírito” seriam usados na Bíblia como sinônimos, referindo-se à única porção imaterial e imortal de nosso ser, que preserva as atividades pessoais após a morte do corpo físico.

É provável que a concepção mais difundida na maior parte da história do pensamento cristão é a de que os homens são compostos de dois elementos: um aspecto material, o corpo; e um componente imaterial, a alma ou espírito. O

¹ Todas as citações bíblicas deste estudo foram extraídas da Bíblia *Almeida Corrigida e Revisada* (1994), traduzida por João Ferreira de Almeida, e publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

dicotomismo foi comum desde os tempos mais remotos do pensamento cristão. Após o Concílio de Constantinopla em 381, porém, cresceu em popularidade a ponto de ser praticamente a crença universal da igreja.²

Para os tricotomistas, contudo, o ser humano seria formado de *três* partes: corpo, alma e espírito. Em linhas gerais, os tricotomistas sustentam que a alma é a sede do intelecto, das emoções e da vontade, ao passo que o espírito, a parte responsável pelo relacionamento do homem com Deus. A tricotomia apóia-se, sobretudo, em dois textos bíblicos: 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12.³ Abaixo algumas informações históricas sobre o ponto de vista tricotomista da natureza humana.

O conceito do homem tripartido originou-se na filosofia grega, que entendia a relação mútua entre o corpo e o espírito do homem segundo a analogia da mútua relação entre o universo material e Deus. Pensava-se que, justamente como estes só podiam ter comunhão um com o outro por meio de uma terceira substância ou de um ser intermediário, assim aqueles só podiam entrar em relações mútuas vitais por meio de um terceiro elemento, ou de um elemento intermediário, a saber, a alma.⁴

Esta doutrina de uma constituição tríplice do ser humano adotada por Platão foi parcialmente introduzida na Igreja primitiva, mas logo veio a ser considerada danosa, se não herética. Os gnósticos sustentaram que o πνεῦμα [gr. *pneuma*, “espírito”] no homem era parte da essência divina e incapaz de pecar; e os apolinarianos [seguidores dos ensinamentos do bispo Apolinário] afirmaram que Cristo possuía apenas um σῶμα [gr. *soma*, “corpo”] e ψυχή [gr. *psyche*, “alma”] humanos, mas não um πνεῦμα, e a Igreja rejeitou tal doutrina de que ψυχή e o

² ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1997, pgs. 228-29.

³ Alguns cristãos enxergam bases para a tricotomia em 1 Coríntios 2.14-3.4 e 14.14. Porém, tais passagens raramente são empregadas pelos próprios tricotomistas, devido à sua patente fragilidade para apoiar a constituição tríplice do ser humano. Isso explica por que tais passagens não são analisadas neste estudo.

⁴ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Editora Cultura Cristã, 3ª edição, 2007, pg. 177.

πνεῦμα eram substâncias distintas, uma vez que tais heresias nela se fundamentavam... Todos os protestantes, luteranos e reformados, foram, pois, mais prudentes em sustentar que alma e espírito, ψυχή e πνεῦμα, são uma e a mesma substância e essência. E essa, como já se observou, tem sido a doutrina comum da Igreja.⁵

No quarto século da era cristã, em meio às controvérsias cristológicas, um bispo da cidade de Laodicéia, chamado Apolinário (c. 310-390 d.C.), usou a sua concepção tricotomista da constituição humana para construir e defender sua cristologia. Conforme Apolinário, Jesus tinha um corpo (gr. *soma*) e uma alma (*psyche*), mas não teria um espírito (*pneuma*) (para Apolinário, todos os demais homens eram formados de corpo, alma e espírito). Tal doutrina, evidentemente, acabava negando a plena humanidade de Cristo. Como resultado, após “diversos sínodos locais terem condenado a doutrina, o segundo concílio geral de Constantinopla, em 381, declarou-a herética”.⁶

Dessa maneira, desde o Concílio de Constantinopla a idéia de que a alma e o espírito seriam elementos distintos caiu em total descrédito, e a partir daí a dicotomia firmou-se como o ponto de vista preponderante dentro do Cristianismo, por cerca de 1500 anos. Foi só no século XIX que a tricotomia foi revigorada por alguns teólogos alemães e ingleses.⁷ Atualmente, essa concepção encontra muitos adeptos, em praticamente todos os segmentos evangélicos, sobretudo entre os pentecostais e os neopentecostais.

Por fim, convém ressaltar dois pontos. Primeiro, a despeito dessas divergências, tanto dicotomistas quanto tricotomistas, que são irmãos em Cristo, têm um ponto em comum: todos eles acreditam na imortalidade da alma, ou seja, na idéia de que uma parte do ser humano prossegue vivendo, conscientemente, depois da morte. Segundo, o fato de fulano acreditar na

⁵ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. Editora Hagnos, 1ª edição, 2001, pgs. 521-22.

⁶ CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Editora Candeia, 4ª edição, 1997, pg. 232.

⁷ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Editora Cultura Cristã, 3ª edição, 2007, pg. 177.

dicotomia não o torna mais santo ou menos santo que cicrano, que acredita na tricotomia. O debate “Dicotomia *versus* Tricotomia” não exerce qualquer influência na vida espiritual dos cristãos, constituindo-se apenas numa questão secundária da fé cristã.⁸

QUAL CONCEPÇÃO ENCONTRA APOIO BÍBLICO?

Em nossa opinião, um exame mais cuidadoso dos dados bíblicos nos faz concluir que a concepção dicotômica é a que mais se aproxima daquilo que as Escrituras ensinam acerca da natureza humana.⁹ Os argumentos em prol da dicotomia não apenas são mais numerosos, mas também mais convincentes que os argumentos em favor da tricotomia. Enquanto a posição que defenderemos neste estudo apóia-se numa grande variedade de textos bíblicos (tanto do Antigo quanto do Novo Testamento), que trazem claras lições sobre a constituição humana, a tricotomia ancora-se, basicamente, no fato de as palavras “alma” e “espírito” aparecerem, juntas, nas passagens de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, o que é um argumento, como veremos mais adiante, indefensável.

O argumento central, que será apresentado neste estudo, consiste em defender a idéia de que a Bíblia, quando em contextos que tratam de antropologia, emprega *alma* e *espírito* como sinônimos. Ou seja, esses dois

⁸ Evidentemente, a crença na tricotomia pode revelar-se danosa à fé cristã se ela for levada ao extremo, assim como fez Apolinário no quarto século, quando sua cristologia (que se apoiava na tricotomia) acabou negando a completa humanidade de nosso Senhor. Também pode resultar nalgum perigo se o tricotomista acreditar e defender que o seu espírito é *mais importante* que a alma e o corpo, pois somente o seu espírito entraria em contato com Deus.

⁹ Ao usar o termo “dicotomia”, não estamos defendendo nenhuma espécie de “dualismo” segundo o qual *apenas* a alma (ou espírito) seria boa e superior, ao passo que o corpo físico, mau e inferior. Tal idéia contraria o ensinamento da Bíblia, segundo o qual o homem é uma *unidade-composta-divisível*, formado de corpo e alma, em que esses dois elementos são igualmente bons, visto que foram criados por Deus. Neste estudo, empregamos a designação “dicotomia” apenas para dizer que o homem compõe-se de duas partes.

termos falam da *única* parte do ser humano que se mantém consciente após a dissolução do corpo.

A BÍBLIA USA ALMA E ESPÍRITO COMO SINÔNIMOS

Na criação (Gn 2.7), o homem foi formado com *dois* componentes, e não três

Nada mais natural iniciarmos este debate analisando o texto de Gênesis 2.7, que é a única descrição bíblica que mostra, de maneira específica, Deus criando o homem. Embora não contenha *todos* os detalhes que gostaríamos de saber acerca de nossa natureza, a verdade é que esse relato conciso já é uma prévia daquilo que o restante da Bíblia ensina sobre esse assunto, a saber: que o ser humano é dicotômico (e não tricotômico). E se o homem foi formado com dois componentes—um componente material e outro espiritual—segue-se que *alma* e *espírito* são sinônimos.

E formou o SENHOR Deus o homem do *pó da terra*, e soprou em suas narinas o *fôlego da vida*, e o homem foi feito alma vivente.

De acordo com Gênesis 2.7, Deus criou Adão com apenas duas partes: uma parte material, o corpo, formado do “pó da terra”, e uma parte espiritual, o “fôlego da vida”, soprado por Deus em suas narinas. Como fica claro, não existe nesse relato qualquer menção a um “terceiro elemento” na constituição humana, o que daria algum suporte à tese tricotomista.¹⁰

¹⁰ Alguns tricotomistas, ao lerem o texto de Gênesis 2.7, alegam que a união do “pó da terra” com o “fôlego da vida” teria gerado um *terceiro elemento* na constituição humana: a “alma vivente”. Contudo, essa interpretação não pode ser sustentada, uma vez que “alma vivente” (heb. *nep̄hesh haya*) significa, no contexto de Gênesis 2.7, “criatura viva”, “ser vivo”. Ou seja, antes de Deus soprar o “fôlego da vida” nas narinas de Adão, este não passava de um “boneco” de carne e ossos, sem vida, inanimado. Porém, após receber o “fôlego da vida”, Adão transformou-se numa “alma vivente”, ou seja, num ser vivo (seu cérebro e demais órgãos passaram a

Para reforçar isso que estamos dizendo, é de grande relevância compararmos o relato da criação do homem com outro texto: Eclesiastes 12.7. Nesse versículo, o escritor inspirado, ao fazer uma nítida alusão ao texto de Gênesis 2.7, estabelece um contraste muito interessante: enquanto a passagem de Gênesis 2.7 mostra o homem sendo criado, recebendo vida, Eclesiastes 12.7 mostra o *inverso* disso, ou seja, como é a morte do homem.

E o *pó* volte à terra, como o era, e o *espírito* [heb. *ruach*] volte a Deus, que o deu.

Esse contraste nos ensina duas coisas. Em primeiro lugar, aquele “fôlego da vida” mencionado em Gênesis 2.7, responsável por dar vida ao corpo de Adão, é chamado aqui em Eclesiastes 12.7 de “espírito” (heb. *ruach*). Em segundo lugar (e o mais importante), o escritor de Eclesiastes, ao falar sobre aquilo que acontece no momento da morte, entendia que o homem é constituído de dois (e não três) elementos: um elemento material, o “pó” (corpo), que retorna à terra, e um elemento imaterial, o “espírito” (“fôlego da vida”), que (no caso dos justos) volta a Deus. Como se percebe, o texto de Eclesiastes 12.7, no que se refere à constituição humana, está em perfeita harmonia com aquilo que é ensinado em Gênesis 2.7.

Em outras palavras, o que queremos destacar é que, tanto no momento da criação quanto no momento da morte, a Bíblia jamais menciona a existência de um terceiro elemento na estrutura humana. Logo, só podemos concluir que nossa natureza é dicotômica.

funcionar). “Alma vivente”, portanto, de forma alguma se refere a um terceiro elemento de nossa composição.

A alma e o espírito se igualam tanto pelo que *são* quanto pelo que *fazem*

Se já no relato da criação somos informados que Deus criou o homem com duas partes, segue-se que o restante das Escrituras deverá concordar com isso, uma vez que a palavra de Deus não se contradiz. E essa coerência interna pode ser encontrada, pois existe uma porção de textos mostrando que a alma e o espírito têm as *mesmas* características e funções, o que nos faz concluir que esses dois vocábulos são tratados na Bíblia como *sinônimos*, referindo-se à única parte imaterial e imortal do homem. Como veremos, tudo aquilo que a alma *é*, o espírito também *é*, e tudo aquilo que a alma *faz*, o espírito também *faz*. Isso, evidentemente, vai de encontro à concepção tricotômica, pois esta apregoa que a alma e o espírito seriam dois elementos distintos, que realizariam tarefas distintas.

Vejam, na tabela abaixo, algumas passagens em que *alma* e *espírito*, em contextos que tratam de antropologia,¹¹ são empregados pelos autores bíblicos como sinônimos:

¹¹ Outros textos ainda poderiam ser incluídos nessa tabela, porém resolvemos omiti-los por julgarmos que eles são ambíguos: nesses textos, *alma* e *espírito* podem ou não estar falando sobre a porção imaterial e indestrutível de nosso ser. Diante dessa ambigüidade, optamos por alistar nessa tabela somente os textos que trazem, claramente, *alma* e *espírito* no seu sentido antropológico.

Alma	Espírito
É imaterial e imortal (Gn 35.18; 1Rs 17.21, 22; Mt 10.28; At 2.27, 31; 20.10; Ap 6.9-11; 20.4).	É imaterial e imortal (Sl 146.4; Ec 12.7; Lc 8.55; At 7.59; Hb 12.23; Tg 2.26).
Vivifica o corpo. Quando sai, o corpo morre; quando retorna, o corpo é vivificado (Gn 35.18; 1Rs 17.21, 22; Mt 10.28; At 2.27, 31; 20.10; Ap 6.9-11; 20.4).	Vivifica o corpo. Quando sai, o corpo morre; quando retorna, o corpo é vivificado (Sl 146.4; Ec 12.7; Lc 8.55; At 7.59; Hb 12.23; Tg 2.26).
Relaciona-se com Deus (Ap 6.9-11; 20.4).	Relaciona-se com Deus (At 7.59; Hb 12.23).

Interpretando os dados dessa tabela, podemos fazer algumas afirmações:

1. Tanto a alma quanto o espírito são imateriais e imortais. Ou seja, ambos sobrevivem à morte do corpo. Isso depõe contra a idéia de alguns tricotomistas de que a alma cessa de existir quando o corpo morre, restando apenas o espírito.
2. Tanto a alma quanto o espírito dão vida ao corpo físico. Ou seja, alma e espírito foram criados por Deus com uma *mesma função*: vivificar o corpo material.
3. Tanto a alma quanto o espírito dos justos vão para o céu, para desfrutar da presença do Senhor. Tais informações bíblicas colidem com o argumento tricotomista de que somente o espírito relaciona-se com Deus.¹²

¹² A Bíblia também diz que o espírito tem intelecto (1Co 2.11), a despeito de os tricotomistas alegarem que essa faculdade seja exclusiva da alma.

Essa igualdade entre *espírito* e *alma* é ainda mais ressaltada quando fazemos uma comparação entre dois textos: 1Reis 17.21, 22 e Lucas 8.55. Se realizarmos uma rápida leitura desses dois relatos de ressurreições, de imediato já notamos que eles são quase que idênticos, a não ser por uma única diferença: enquanto 1Reis 17 traz a palavra “alma”, Lucas 8 traz a palavra “espírito”. Como veremos, essa diferença é muito significativa, pois comprova que *espírito* e *alma*, quando em contextos que tratam de antropologia, identificam-se tanto pelo que *são* quanto pelo que *fazem*:

1. Em 1Reis 17.21, 22, quando a “alma-*nephesh*” sai do corpo, a pessoa morre. Em Lucas 8.55, quando o “espírito-*pneuma*” sai do corpo, a pessoa também morre.
2. Em 1Reis 17.21, 22, quando a “alma-*nephesh*” volta ao corpo, a pessoa revive. Em Lucas 8.55, quando o “espírito-*pneuma*” volta ao corpo, a pessoa também revive.
3. Em 1Reis 17.21, 22, a “alma-*nephesh*” não morre junto com o corpo. Ou seja, ela é imortal. Em Lucas 8.55, o “espírito-*pneuma*” também não morre junto com o corpo. Ou seja, ele também é imortal.
4. Em 1Reis 17.21, 22, a “alma-*nephesh*” é imaterial. Em Lucas 8.55, o “espírito-*pneuma*” também é imaterial.
5. Em 1Reis 17.21, 22, a “alma-*nephesh*” é essencial para vivificar o corpo. Em Lucas 8.55, o “espírito-*pneuma*” também é essencial para vivificar o corpo.

Ora, a comparação desses dois versículos demonstra que não existe qualquer diferença entre a alma e o espírito. Ambos se igualam não apenas pelo que são (são elementos imateriais e imortais da natureza humana), mas também pelo que realizam (ambos fazem com que o corpo tenha vida), e isso corrobora a tese de que esses dois vocábulos são empregados na Bíblia como sinônimos.

Ainda existem dezenas de outros versículos que, apesar de não usarem *alma* e *espírito* no seu sentido antropológico, usam-nos, da mesma forma, como equivalentes. Por exemplo, vejam algumas passagens nas quais esses dois termos, em contextos que falam do relacionamento do justo com Deus, são usados indistintamente:

Assim como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha *alma* [heb. *nephesh*] por ti, ó Deus (Sl 42.1).

Bendize, ó minha *alma* [heb. *nephesh*], ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha *alma*, ao SENHOR, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios (Sl 103.1, 2).

Louvai ao SENHOR. Ó minha *alma* [heb. *nephesh*], louva ao SENHOR (Sl 146.1).

Com minha *alma* [heb. *nephesh*] te desejei de noite, e com o meu *espírito* [*ruach*], que está dentro de mim, madrugarei a buscar-te... (Is 26.9).

Disse então Maria: A minha *alma* [gr. *psyche*] engrandece ao Senhor, e o meu *espírito* [*pneuma*] se alegra em Deus meu Salvador (Lc 1.46).

Para os autores bíblicos, era indiferente dizer que a “alma” ou o “espírito” se relacionava com Deus, pois a mentalidade hebraica, tanto dos dias do Antigo quanto do Novo Testamento, desconhecia qualquer diferença entre esses dois

termos.¹³ As Escrituras, pois, usam *alma* e *espírito* como sinônimos, seja para falar de antropologia (como nos textos alistados na tabela acima) ou não, motivo pelo qual não deveríamos contrariar esse uso.

Tanto a alma quanto o espírito têm sentimentos e intelecto

Um dado extremamente importante, e que serve para reforçar a idéia de que *alma* e *espírito* são usados na Bíblia como sinônimos, é o fato de os escritores bíblicos afirmarem que tanto a alma quanto o espírito têm intelecto e sentimentos. Isso, evidentemente, vai contra o argumento tricotomista de que apenas a alma possuiria esses dois atributos.

Quando analisamos o uso das palavras bíblicas traduzidas como “alma” (heb. *nephesh* e gr. *psychē*) e “espírito” (heb. *rûach* e gr. *pneuma*), parece-nos que às vezes são usadas indistintamente. Por exemplo, em João 12.27, diz Jesus: “Agora, está angustiada a minha alma”, enquanto num contexto muito parecido, no capítulo seguinte, João diz que Jesus “angustiou-se [...] em espírito” (Jo 13.21). Do mesmo modo, lemos as palavras de Maria em Lucas 1.46-47: “A minha *alma* engrandece ao Senhor, e o meu *espírito* se alegrou em Deus, meu Salvador”. Esse parece um exemplo bem evidente de paralelismo hebraico, o artifício poético em que a mesma idéia é repetida com o uso de palavras diferentes mas sinônimas. [...] Por outro lado, não se diz [na Bíblia] que as atividades de pensar, sentir e decidir sejam realizadas somente pela alma. Por exemplo, o espírito também pode viver emoções, como em Atos 17.16, quando “o seu [de Paulo] espírito” se revoltava”, ou quando “angustiou-se Jesus em espírito” (Jo 13.21)... Além disso, também se diz que as funções de conhecer, perceber e pensar são executadas pelo espírito. Por exemplo, Marcos retrata Jesus “percebendo [gr. *epiginōskō*, “conhecer”] logo por seu espírito” (Mc 2.8). Quando o Espírito Santo “testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8.16), nosso espírito recebe e compreende esse

¹³ Se fizermos uma contagem das ocorrências de *alma* e *espírito* em toda a Bíblia (sobretudo no livro dos Salmos), em contextos que falam de adoração, o resultado mostrar-se-á totalmente desfavorável à idéia tricotomista de que *somente* o espírito se relaciona com Deus. Em cerca de oitenta por cento das ocorrências desses dois vocábulos, é dito que a *alma* (e não o espírito) relaciona-se com o Criador. Portanto, os números bíblicos só vêm a corroborar a tese de que as Escrituras tratam esses dois termos como sinônimos, seja para falar de antropologia ou não.

testemunho, o que certamente equivale à faculdade de conhecer algo. De fato, nosso espírito parece conhecer nossos pensamentos com bastante profundidade, pois Paulo pergunta: “Qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está?” (1Co 2.11)... O objetivo desses versículos não é dizer que é o espírito e não a alma que sente e pensa, mas que “alma” e “espírito” são termos usados indistintamente para significar o lado imaterial das pessoas, e é difícil enxergar qualquer distinção real no uso dessas duas palavras.¹⁴

Como declara o teólogo batista Wayne Grudem, os autores bíblicos usavam as palavras “alma” e “espírito” como equivalentes, dizendo que tanto um quanto o outro são dotados de intelecto e sentimentos. Em nossa opinião, isso se constitui noutra prova contundente em favor da idéia de que essas duas palavras são empregadas nas Escrituras para se referir à *única* parte espiritual da constituição humana. *Alma* e *espírito*, portanto, são sinônimos.

OS PRINCIPAIS TEXTOS DE APOIO À TRICOTOMIA: 1TS 5.23 E HB 4.12

O *contexto* das declarações de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12 não permite extrair lições sobre a natureza humana

Fazendo uma leitura objetiva, direta dos principais versículos usados para fundamentar a tricotomia, 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, fica difícil extrair deles qualquer lição sobre antropologia. Isso só seria possível se partíssemos do *pressuposto* extrabíblico e pessoal de que essas duas passagens estão falando desse assunto. Em outras palavras, em vez de deixar esses textos falarem por si mesmos, naturalmente, precisaríamos *forçá-los* a dizer que o homem tem dois elementos imateriais em sua composição. E por quê? Porque o *contexto* em que *alma* e *espírito* aparecem, nessas duas passagens, impede-nos de extrair quaisquer lições sobre a natureza do homem. O simples fato de essas

¹⁴ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1999, pgs. 389-90, 92.

duas palavras serem *citadas* num texto, juntas ou não, de forma alguma pode nos levar à conclusão de que esse texto esteja tratando de antropologia. Não podemos nos esquecer que *alma* e *espírito* são palavras polissêmicas, ou seja, possuem diversos significados, motivo pelo qual o contexto em que elas aparecem é *fundamental* para sabermos se estamos ou não perante uma passagem que nos ensina algo sobre nossa composição.

Para demonstrar isso, observemos, nos três grupos de passagens abaixo, como que esses dois vocábulos, dependendo do contexto, têm seu conteúdo semântico modificado:

E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso *espírito* [gr. *pneuma*], e *alma* [*psyche*], e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (1Ts 5.23).

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da *alma* [gr. *psyche*] e do *espírito* [*pneuma*], e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração (Hb 4.12).

Nesse primeiro grupo, que contém os dois principais versículos que apoiariam a tricotomia, “alma” e “espírito” são apenas mencionados em contextos nos quais os escritores sagrados tratavam, respectivamente, da importância da santificação para os crentes e do poder penetrante da palavra de Deus no ser humano. Em momento algum é dito, em 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, que o homem *tem* uma alma e/ou um espírito em sua constituição. Esses dois versículos tão-somente *citam* esses vocábulos, um ao lado do outro. Entretanto, os tricotomistas *vão além* e afirmam que tal citação é uma *lista* contendo os nomes das *partes* que o ser humano tem em sua estrutura.

Passemos agora para o segundo grupo de textos:

Todas as *almas* (heb. *nephesh*), pois, que procederam dos lombos de Jacó, foram setenta *almas*; José, porém, estava no Egito (Êx 1.5).

Deram-lhe também um pedaço de massa de figos secos e dois cachos de passas, e comeu, e *voltou-lhe* o seu *espírito* [heb. *ruach*], porque havia três dias e três noites que não tinha comido pão nem bebido água (1Sm 30.12).

Será que Moisés, no primeiro versículo acima, usou *nephesh* para referir-se à parte imaterial e indestrutível de nossa constituição, que continua consciente após a morte do corpo? É evidente que não, pois o contexto em que esse vocábulo hebraico aparece não dá margem alguma para essa conclusão. Em Êxodo 1.5, *nephesh* significa “pessoas”. Já no contexto de 1Samuel 30.12, *ruach* tem o sentido de “forças”, “vigor”, e não de um espírito imaterial que teria saído e, depois, retornado ao corpo daquele homem que recebera alimento. Ou seja, nesses dois versículos o contexto não nos fornece qualquer informação sobre nossa natureza.

Agora, leiamos o terceiro e último grupo de textos—que podem ser usados somente para defender a dicotomia—e percebam como que o ambiente em que *alma* e *espírito* são empregados traz-nos lições acerca de antropologia:

E aconteceu que, *saindo-se-lhe* a *alma* [heb. *nephesh*] (porque morreu), chamou-lhe Benoni; mas seu pai chamou-lhe Benjamin (Gn 35.18).

Então se estendeu sobre o menino três vezes, e clamou ao SENHOR, e disse: Ó SENHOR meu Deus, rogo-te que a *alma* [heb. *nephesh*]

deste menino *torne a entrar nele*. E o SENHOR ouviu a voz de Elias; e a *alma* do menino *tornou a entrar nele*, e reviveu (1Rs 17.21, 22).

E o pó volte à terra, como o era, e o *espírito* [heb. *ruach*] volte a Deus, que o deu (Ec 12.7).

E não temais os que matam o corpo e não podem matar a *alma* [gr. *psyche*]; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno a *alma* e o corpo (Mt 10.28).

E o seu *espírito* [gr. *pneuma*] *voltou*, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer (Lc 8.55).

À universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos *espíritos* [gr. *pneuma*] dos justos aperfeiçoados (Hb 12,23).

E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as *almas* [gr. *psyche*] dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram (Ap 6.9).

Examinando-se esse terceiro grupo de passagens, constatamos que “alma” e “espírito” aparecem num contexto completamente diferente, que nos permite concluir que o homem *tem* uma alma ou espírito em sua composição, que *sai* do corpo por ocasião da morte. Diferentemente de 1Tessalonicenses 5.23, Hebreus 4.12, Êxodo 1.5 e 1Samuel 30.12, os textos desse terceiro grupo são *normativos* quando investigamos a natureza humana, pois eles trazem nítidas lições sobre esse tema.

Enfim, o que está sendo ressaltado com esses três grupos de passagens é que, alterando-se o contexto, *alma* e *espírito* adquirem significados totalmente diferentes. E, como vimos, somente os versículos do terceiro grupo (Gn 35.18; 1Rs 17.21, 22; Ec 12.7; Mt 10.28; Lc 8.55; Hb 12.23; Ap 6.9) contêm ensinamentos sobre nossa constituição. Com relação a 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, o ambiente em que “alma” e “espírito” aparecem, nesses textos, impossibilita-nos de saber algo sobre antropologia. A simples *citação* desses dois termos (um ao lado do outro ou não), sem levar-se em conta o contexto, não prova absolutamente nada.

Em nossa opinião, a tricotomia só teria fundamento bíblico se existisse alguma passagem que dissesse algo do tipo: “E aconteceu que, *saindo-se-lhe a alma* e o *espírito* (porque morreu)...”; “E o seu *espírito* e a sua *alma voltaram*, e ela logo se levantou...”. Como tal passagem, em tal contexto, não existe, a tricotomia revela-se insatisfatória para explicar a natureza humana.

Análise do conteúdo de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12

Após examinarmos o contexto em que as palavras “alma” e “espírito” aparecem em 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, a partir de agora levaremos a efeito uma análise do conteúdo dessas duas passagens. Vejamos o que diz a mais importante delas:

E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso *espírito* [gr. *pneuma*], e *alma* [*psyche*], e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (1Ts 5.23).

Como já havíamos assinalado, os tricotomistas vêem nesse versículo uma prova contundente e clara de que a Bíblia ensina a triplicidade da natureza humana, pois o apóstolo Paulo mencionou, ao lado da palavra “corpo”, as

palavras “espírito” e “alma. “Se essas três palavras foram mencionadas *juntas*”, raciocinam os tricotomistas, “então só podemos concluir que o ser humano é formado de três partes. É inconcebível que alguém leia essa declaração e, em seguida, negue que o ser humano seja formado de três elementos!”.

Entretanto, será que essa conclusão a que chegaram os tricotomistas suporta uma análise mais detida do texto de 1Tessalonicenses 5.23? De forma alguma. Em primeiro lugar, o fato de as palavras “alma” e “espírito” serem mencionadas num texto não indica que esse texto contenha alguma lição sobre a constituição humana. Como fizemos notar no tópico anterior, é o *contexto* que determina se essas palavras estão sendo usadas para falar de Antropologia ou não (v. pg. 13). Se o critério para decidir se *alma* e *espírito* estão falando sobre nossa constituição fosse simplesmente o “critério da *citação*”, então poderíamos tomar qualquer texto bíblico no qual essas palavras aparecessem e, em seguida, alegar que esse texto está falando sobre nossa natureza. Entretanto, além de falta de bom senso, isso seria um erro em nossa exegese. Valendo-se de tal método interpretativo, no qual o contexto é desprezado, qualquer pessoa poderia defender ou inventar a teoria que quisesse, e aí a interpretação bíblica transformar-se-ia num perfeito “vale-tudo”, onde a criatividade do intérprete seria o único limite.

Desse modo, é inegável que 1Tessalonicenses 5.23 menciona as palavras “espírito”, “alma” e “corpo” emparelhadas. O que questionamos, porém, é a afirmação dos tricotomistas de que Paulo, ao dispor essas três palavras dessa forma, tivesse deixado uma *lista* contendo os nomes das *partes* de nossa estrutura. O contexto dessa citação paulina não nos permite tirar essa conclusão.

Em segundo lugar, é fundamental e, em nossa opinião, decisivo interpretar 1Tessalonicenses 5.23 à luz de uma declaração feita por Jesus, em que Ele mencionou o texto de Deuteronômio 6.5:

Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu *coração*, e de toda a tua *alma*, e de todo o teu *entendimento*, e de todas as tuas *forças*; este é o primeiro mandamento (Mc 12.30; v. tb. Mt 22.37; Lc 10.27).

Se o fato de os termos “espírito”, “alma” e “corpo” serem *citados*, juntos, em 1 Tessalonicenses 5.23 indica, necessariamente, que esse texto contém informações sobre antropologia, dando a entender que o homem *tem* três *componentes* em sua constituição, então como que os tricotomistas interpretam essas palavras de Jesus? Afinal, nosso Senhor *citou* quatro termos, *um ao lado do outro*: “coração”, “alma”, “entendimento” e “forças”. Nesse caso, os tricotomistas não deveriam concluir, também com base no “critério da citação”, que o homem é composto de cinco partes (incluindo-se o corpo), em vez de três? Ao usar essas palavras, será que Jesus estava nos fornecendo uma *lista* com os nomes das *partes* de nossa estrutura?

Seguramente, tanto dicotomistas quanto tricotomistas, deparando-se com o texto de Marcos 12.30, logo entendem que Jesus, longe de falar sobre antropologia, valeu-se de um recurso didático (conhecido por “perífrase”) a fim de reforçar a idéia de *totalidade* do ser humano: o homem deve amar a Deus com *todo* o seu ser. Essa noção de totalidade fica ainda mais evidente quando observamos que esses quatro termos vêm acompanhados pelo adjetivo “todo”: “...*todo* o teu coração... *toda* a tua alma... *todo* o teu entendimento... *todas* as tuas forças...”. Ao lançar mão desse expediente didático, Jesus não estava nos fornecendo uma lista dos componentes de nossa estrutura, e por isso mesmo Ele estava *livre* para adicionar, caso quisesse, mais termos além dos que usou, pois obteria o mesmo resultado: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças, e de todo o teu *espírito*, e de toda a tua *mente*...”.¹⁵

¹⁵ A fim de demonstrar a *liberdade* que esse recurso didático proporciona a quem dele se utiliza, percebam que o texto de Deuteronômio 6.5, citado por Jesus, diz o seguinte: “Amarás, pois, o

E é esse mesmíssimo raciocínio que devemos aplicar a 1 Tessalonicenses 5.23 (e, também, ao texto de Hb 4.12), para, assim, compreendermos aquilo que o apóstolo Paulo quis dizer nesse versículo:

1. Do mesmo modo que Jesus empregou quatro palavras para enfatizar a idéia de *totalidade* do ser humano, sem com isso deixar qualquer lição sobre antropologia, o mesmo ocorre com a declaração de Paulo. Ao citar os termos “espírito”, “alma” e “corpo”, o apóstolo não estava transmitindo ensinamento algum sobre nossa natureza, mas apenas dizendo aos tessalonicenses que eles deveriam estar *totalmente* santificados para a vinda do Senhor. E, ao dizer isso, Paulo não quis dizer que somos constituídos de três partes.
2. Assim como na fala de Jesus, na de Paulo os vocábulos “espírito”, “alma” e “corpo” encontram-se acompanhados por palavras que passam a idéia de totalidade: “...vos santifique em *tudo*; e *todo* o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam *plenamente* conservados *irrepreensíveis*...”.
3. Da mesma forma que Jesus tinha liberdade para usar quantos termos quisesse em Sua fala, igualmente Paulo poderia ter dito aos tessalonicenses: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, e *coração*, e *entendimento*, e *forças* sejam plenamente conservados irrepreensíveis...”. Essa liberdade reside no fato de que tanto Jesus quanto Paulo, em suas declarações, não estavam dando uma lista com os nomes das partes de nossa constituição.

SENHOR teu Deus de todo o teu *coração*, e de toda a tua *alma*, e de todas as tuas *forças*”. Aqui, a fim de falar sobre a totalidade do ser humano, são mencionados três termos: “*coração*”, “*alma*” e “*forças*”. No entanto, ao citar esse texto em sua conversa com os escribas, Jesus acrescentou mais um: “*entendimento*”. Contudo, esse acréscimo não modificou, em absolutamente nada, aquilo que o texto de Deuteronômio 6.5 declarava. E por quê? Porque esse recurso didático (a exemplo do que ocorre em 1Ts 5.23) não se constitui numa lista que contém os nomes das partes de nossa constituição.

Procedamos, agora, à investigação do último texto que, junto com 1 Tessalonicenses 5.23, forma o alicerce da tricotomia: Hebreus 4.12. Percebam como que a análise deste segundo texto é idêntica à do primeiro.

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da *alma* [gr. *psyche*] e do *espírito* [*pneuma*], e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração (Hb 4.12).

Ao empregar essa linguagem, estaria o autor da carta aos hebreus passando alguma lição sobre nossa natureza, ensinando que *temos* dois elementos imateriais distintos: uma “alma” e um “espírito”? Absolutamente. Em primeiro lugar, além de “alma” e “espírito”, não podemos nos esquecer de que também foram mencionados os vocábulos “juntas” e “medulas”. Dessa forma, se Hebreus 4.12 fala sobre antropologia, de modo que *cada item* alistado corresponde a um elemento de nossa constituição, então os tricotomistas devem admitir, por questões de coerência, que somos formados de cinco (e não três) componentes: “alma”, “espírito”, “juntas”, “medulas” e corpo.

Em segundo lugar, é significativo que o autor sagrado, ao mencionar os termos “alma”, “espírito”, “juntas” e “medulas”, pretendeu, a exemplo do que fizeram Jesus (Mc 12.30) e Paulo (1Ts 5.23), enfatizar a *totalidade* do ser humano. Essa interpretação é amparada pelo contexto:

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração. E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes *todas* as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar (Hb 4.12, 13).

Conforme o escritor, a “palavra de Deus” é tão “viva e eficaz”, que ela “penetra”, atinge o ser humano em sua totalidade, de modo que “todas as coisas” ficam “nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar”. Absolutamente nada escapa, nem mesmo “os pensamentos e intenções do coração”. E para enfatizar essa integralidade do ser humano, que é atingida pela palavra, o escritor empregou, livremente, o mesmo recurso didático utilizado por Jesus e Paulo, valendo-se dos vocábulos “alma”, “espírito”, “juntas” e “medulas”.

Em terceiro lugar, é muito esclarecedora a análise que Wayne Grudem faz dessa passagem:

O autor não diz que a Palavra de Deus pode dividir “a alma *do* espírito”, mas lança mão de vários termos (alma, espírito, juntas, medulas, pensamentos e propósitos do coração) que falam dos profundos elementos íntimos do nosso ser que não se ocultam ao poder penetrante da Palavra de Deus. Se os chamamos de “alma”, as Escrituras a penetram até o âmago e a dividem, revelando as suas intenções mais recônditas. Se preferimos chamar esse lado íntimo, não físico, do nosso ser de “espírito”, então as Escrituras o penetram até o âmago e o dividem, conhecendo as suas intenções e os seus pensamentos mais profundos. Ou se preferimos conceber metaforicamente que o nosso ser mais íntimo está oculto nas nossas juntas e medulas, então podemos imaginar as Escrituras como uma espada que divide as nossas juntas ou que penetra profundamente nos nossos ossos, chegando mesmo a dividir a medula no cerne dos ossos. Em todos esses casos a Palavra de Deus é tão poderosa que investiga e expõe toda desobediência e insubmissão a Deus. Seja como for, não se concebem alma e espírito como partes distintas; são simplesmente outros termos que exprimem nosso ser mais íntimo.¹⁶ (sublinhado acrescentado)

Conforme bem observado por Grudem, o autor da carta aos hebreus “não diz que a Palavra de Deus pode dividir ‘a alma *do* espírito’”, como se “alma” e “espírito” fossem *dois* elementos de nossa constituição que estivessem juntos,

¹⁶ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1999, pgs. 394-95.

unidos, mas que poderiam ser divididos pela palavra de Deus. O que o escritor inspirado afirmou, isso sim, foi que a palavra de Deus pode atingir até mesmo a divisão da “alma” (a palavra de Deus pode dividir a alma); ou, então, atingir até mesmo a divisão do “espírito” (a palavra de Deus pode dividir o espírito), e assim por diante. No entanto, a semelhança do texto de 1 Tessalonicenses 5.23, o escritor de Hebreus, ao usar os termos “alma”, “espírito”, “juntas” e “medulas”, não estava nos dando uma *lista* com os nomes das *partes* de nossa constituição. Ele apenas empregou tais palavras, de forma livre, para falar que a palavra de Deus sonda até mesmo os mais “profundos elementos íntimos do nosso ser”.

Enfim, 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12 não trazem qualquer informação acerca de Antropologia, motivo pelo qual não podem ser usados para explicar nossa natureza. As declarações desses versículos são adequadamente compreendidas à luz: (1) de seu contexto imediato, (2) de uma comparação entre o seu conteúdo e o de Marcos 12.30, e (3) do fato de que a Bíblia usa os vocábulos “alma” e “espírito” como sinônimos. Embora 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12 pareçam ensinar, numa primeira leitura, a constituição tripartite do ser humano, essa conclusão não resiste a uma análise mais criteriosa, aprofundada e ampla dessas duas passagens.

Um elemento *impessoal* não pode relacionar-se com Deus

De acordo com os tricotomistas, a alma é responsável pelo intelecto (pensamento, raciocínio, *etc.*), emoções (alegria, tristeza, *etc.*) e volição (vontade, decisão, *etc.*). Já o espírito, este é a parte que se relaciona com Deus (espiritualidade). Porém, entendemos que essa distinção feita entre *alma* e *espírito* acaba gerando uma grande contradição para a concepção tricotômica, como explicamos abaixo.

Sabe-se que os atributos que qualificam um ser pessoal são intelecto, emoção e vontade, de modo que qualquer criatura desprovida dessas faculdades não pode ser considerada uma pessoa. (Uma pedra, uma árvore ou um animal irracional, por exemplo, não são seres pessoais, pois não possuem essas qualidades.) Em vista disso, como que fica a posição tricotômica ao ensinar que tais atributos estão presentes *apenas* na alma? Ora, se o nosso espírito não pensa, não sente e não tem vontade, então só podemos concluir que ele não é uma pessoa, mas uma “coisa”, um elemento impessoal. Porém, como que uma “coisa” pode relacionar-se com Deus ou com quem quer que seja? Como que os tricotomistas solucionam essa contradição?

Para nós, esse problema—que surge a partir do momento em que se tenta estabelecer uma distinção entre *alma* e *espírito*, contrariando, assim, o uso bíblico desses dois termos—é intransponível. A menos, é claro, que admitam que as Escrituras não fazem qualquer distinção entre esses dois vocábulos, considerando-os sinônimos.

As contradições que surgem quando se tenta distinguir a alma do espírito

A quantidade e a contundência dos textos bíblicos que usam *alma* e *espírito* como sinônimos é tão grande, que uma barreira se ergue perante qualquer tentativa de se distinguir esses dois termos. Por conta dessa dificuldade, os tricotomistas nunca sabem definir com precisão quais seriam as atribuições da alma e do espírito. Se essas duas palavras referem-se, de fato, a dois elementos distintos de nossa constituição, então o que cada um deles faz? Ao tentarem responder a essa questão, os irmãos tricotomistas, via de regra, caem em contradições:

A Bíblia revela que a natureza humana, criada à imagem de Deus, é trina e una, composta de três componentes, a saber: espírito, alma e corpo (1Ts 5.23; Hb 4.12).
[...] A alma... pode ser definida, de modo resumido, como os aspectos imateriais da

*mente, das emoções e da vontade, no ser humano, resultante da união entre o espírito e o corpo. A alma, juntamente com o espírito humano, continuará a existir após a morte física da pessoa. [...] O espírito pode ser definido, em resumo, como o componente imaterial do ser humano, em que reside nossa faculdade espiritual, inclusive a consciência. É principalmente através desse componente que se tem comunhão com o Espírito de Deus.*¹⁷ (itálicos acrescentados)

Em primeiro lugar, se é no espírito que “reside nossa faculdade espiritual, inclusive a *consciência*”, só podemos concluir que a alma não possui consciência, pois a mesma seria diferente do espírito. Todavia, como que o tricotomista explica o fato de a alma, mesmo possuindo “os aspectos imateriais da mente, das emoções e da vontade”, ainda sim não tem consciência? Ou, então, como que o espírito, que seria desprovido desses três atributos da alma, ainda sim pode possuir consciência? Como solucionar essa contradição?

Em segundo lugar, o irmão tricotomista afirma: “É *principalmente* através desse componente [o espírito] que se tem comunhão com o Espírito de Deus”. Ora, essa declaração se constitui noutra prova do quanto a teoria tricotomista é contraditória quando tenta diferenciar o espírito da alma: ao usar o advérbio “principalmente”, o autor tricotomista mencionado acima acaba admitindo que o espírito *não* é o único componente de nossa constituição que se relaciona com Deus. Ou seja, ele está reconhecendo (talvez sem ter consciência disso) que a *alma também* entra em contato com Deus, o que a iguala ao espírito!¹⁸

Como dissemos no início deste tópico, essas inconsistências são explicadas pelo fato de existir farto e incisivo testemunho em favor da idéia de que *alma* e *espírito* são tratados na Bíblia como sinônimos. Quando se tenta contrariar esse

¹⁷ *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), 1995, pgs. 979-80.

¹⁸ Caso o espírito fosse distinto da alma, esperaríamos que os tricotomistas afirmassem categoricamente: “É *somente* através desse componente [o espírito] que se tem comunhão com o Espírito de Deus”.

testemunho bíblico, as incoerências tornam-se não apenas inevitáveis, mas, também, previsíveis.

CONCLUSÃO

Como demonstramos neste estudo, a concepção tricotômica da natureza humana não encontra apoio nas Escrituras. Em nossa opinião, construir um argumento somente em cima da *citação* dos termos “alma” e “espírito”, *lado a lado*, em 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, é uma linha de defesa muito frágil e, portanto, indefensável. Para comprovar a constituição tríplice do ser humano, os tricotomistas precisariam apresentar algum texto que dissesse que o homem *tem* uma alma *e* um espírito. Entretanto, tal texto não pode ser encontrado na Bíblia, em parte alguma.

Em contraposição, existem bastantes passagens mostrando que o homem *tem* um (e apenas um) componente imaterial e imperecível em sua estrutura, que se separa do corpo no momento da morte. Como se isso não bastasse, ainda há muitas e claras evidências de que os escritores bíblicos usavam *alma* e *espírito* como sinônimos, estivessem falando sobre antropologia ou não.

Por fim, talvez os leitores tenham percebido que os assuntos “Natureza Humana” e “Destino Humano” estão íntima e inseparavelmente relacionados, pois nossa antropologia (*o que somos*) afeta diretamente nossa escatologia individual (*para onde vamos após a morte*). Não é por acaso que muitos dos textos bíblicos que relatam o momento da morte de pessoas, ou o estado delas no pós-túmulo, são centrais para aprendermos acerca de nossa constituição (e vice-versa). Esses dois assuntos são as duas faces de uma mesma moeda e, portanto, devem ser tratados sempre em conjunto, uma vez que o conhecimento de um lança luzes sobre o outro.

Ora, saber do vínculo entre esses dois temas reveste-se de grande relevância para esse debate, visto que a dicotomia, além de ter a seu favor o fato de *alma* e *espírito* serem usados como sinônimos, apóia-se em textos que falam sobre o destino do homem após a morte. No entanto, a tricotomia busca refúgio em

duas passagens que não têm qualquer lição acerca do que se sucede com a pessoa no momento da morte, tampouco sobre a condição dessa pessoa no além. Portanto, a dicotomia é, sem dúvida, uma concepção muito mais sólida e confiável quando queremos conhecer nossa constituição, uma vez que boa parte dos textos que a apóiam falam sobre o Destino Humano, assunto este que, como vimos, está umbilicalmente ligado à Natureza Humana.

Foi por causa da quantidade e do poder de convencimento de todas essas evidências que nos propusemos a defender, neste estudo, a dicotomia, reputando-a como a posição que está de acordo com aquilo que as Escrituras ensinam sobre nossa natureza. Deus nos criou com duas partes: corpo e alma (= espírito). Alma e espírito, portanto, são sinônimos!

Paulo Sérgio de Araújo

BIBLIOGRAFIA

1. Charles Hodge. *Teologia Sistemática*. Editora Hagnos, 1ª edição, 2001.
2. Louis Berkhof. *Teologia Sistemática*. Editora Cultura Cristã, 3ª edição, 2007.
3. Millard J. Erickson. *Introdução à Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1997.
4. Wayne Grudem. *Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1999.

Ao elaborar este estudo, de maneira alguma posso deixar de conceder os devidos créditos aos quatro teólogos alistados nessa *Bibliografia*, sobretudo o último deles. As reflexões que esses pensadores deixaram em seus compêndios teológicos, não apenas em torno do assunto “Antropologia Bíblica”, mas de outras áreas bíblicas, serviram de trampolim para que eu pudesse crescer no conhecimento das Sagradas Escrituras.

Durante meus primeiros dias de seminarista, quando eu ainda acreditava no ponto de vista tricotomista da natureza humana, lembro-me de ter sido desafiado pela concepção dicotomista defendida brilhantemente pelos três primeiros nomes acima. Ao procurar me aprofundar mais no assunto, finalmente me vi diante da *Teologia Sistemática* de Wayne Grudem. Não tive outra alternativa senão me vergar ante a quantidade e o peso dos argumentos trazidos por esse pensador batista conservador: tornei-me um dicotomista!

Quando não citadas diretamente neste estudo, é porque as reflexões desses teólogos, no que se refere à Antropologia Bíblica, já se encontram tão profundamente incorporadas à minha maneira de pensar, que não mais podem

ser distinguidas e desunidas. Embora eu apresente esse assunto de uma *forma* um pouco diferente, o *conteúdo* de minhas reflexões pessoais, produzidas ao longo dos anos, têm suas raízes nos ensinamentos desses doutores. Quando trago argumentos “novos” sobre a composição humana, penso que estes não passam de desenvolvimentos daquilo que homens da envergadura de Hodge, Berkhof, Erickson e Grudem plantaram, anos atrás, em suas inspiradoras obras de Teologia.